

A LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL¹

Clarissa Maria Bezerra dos Santos Messias²

RESUMO

A linguagem é uma ferramenta mediadora entre as relações sociais da criança com o ambiente em que está inserida. A literatura infantil irá servir como instrumento para que sua linguagem seja amplificada de forma prazerosa e divertida. É através da literatura que a criança desperta outra relação com os diferentes tipos de sentimentos e visão de mundo. Baseando-se nesse contexto, este artigo tem como objetivo principal destacar a importância da literatura infantil como instrumento facilitador no processo de desenvolvimento da linguagem oral. Através da análise de materiais bibliográficos foi possível constatar que a literatura infantil favorece a prática pedagógica proporcionando ao educador condições para o trabalho possibilitando o desenvolvimento da linguagem oral da criança, o desenvolvimento intelectual, cognitivo como também na formação de princípios e valores tão essenciais para o seu convívio em sociedade.

Palavras-chave: Linguagem. Literatura Infantil. Prática Pedagógica.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Profa. Msc. Rita de Cássia Dias Leal.

² Acadêmica concludente do curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França.

1 INTRODUÇÃO

Todos nós sabemos a importância que a literatura representa para o ser humano. Pesquisas feitas em todo o âmbito da educação nos revelam que as crianças que têm desde muito pequenas o contato com a literatura, são beneficiadas em todos os ângulos possíveis de suas vidas: elas apreendem melhor os conteúdos, pronunciam melhor as palavras e relacionam-se melhor no meio social em que vivem. Através do contato com a literatura designada para as crianças, à chamada literatura infantil, a criança desenvolve a criatividade, a autonomia, a imaginação, adquire cultura, conhecimentos e firma os seus valores.

O contato diário que a criança vem a nutrir com o mundo da escrita, facilita e muito na alfabetização delas, já que o livro didático é um dos principais suportes que o educador utiliza em sala de aula, para o aprendizado e para a fixação da linguagem escrita. A primeira relação que as crianças têm com a literatura infantil ocorre com as histórias dos contos de fadas e com as gravuras exibidas em gibis, contadas primordialmente pelos pais. É nesse momento que os pais devem intervir de forma positiva, pois nessa fase inicial, elas adoram ouvir histórias que envolvem o mundo imaginário delas.

É através da literatura que a criança desperta uma nova relação com diferentes sentimentos e visões de mundo, adequando, condições para o seu desenvolvimento intelectual e a formação de princípios individuais para mediar e codificar os próprios sentimentos e ações. Dialogando sobre esse assunto, Bettelheim (1991) afirma que a criança desenvolve por meio da literatura, o potencial crítico e reflexivo. Afirma, ainda, que a partir do contato com um texto literário de qualidade, a criança é capaz de refletir, indagar, questionar, escutar outras opiniões, articular e reformular seu pensamento.

É pertinente que o professor inclua em sua prática pedagógica a literatura infantil e que essa literatura disponha de informação que venha a contribuir para o desenvolvimento da criança, estimulando o aluno a buscar diferentes caminhos para as resoluções de problemas. Para tanto, faz-se necessário que o pedagogo saiba selecionar essas obras, para que a sua prática se torne mais eficaz, e o hábito de ler não se torne uma tortura, e sim o ato prazeroso e divertido.

Para Martins (1982), existem três níveis de leitura: o sensorial, este que estaria ligado aos aspectos externos da leitura, o tato, o prazer do manuseio de um livro bem acabado, com ilustrações interessantes e planejamento gráfico caprichado, o emocional, aquele que incita a fantasia e libera emoções e o racional, que segundo a autora, está ligado ao plano intelectual da leitura. Essa concepção intelectual privilegia o texto escrito, sendo que nela, seriam identificados os aspectos formais do texto literário. Portanto, o professor não deve tratar desses três níveis de forma separada ao selecionar os livros de literatura infantil, pois conclui a autora, “o homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos” (p.63).

Sendo assim, o professor deve incluir em seu planejamento pedagógico livros que despertem o interesse do alunado, que não fujam aos três níveis da leitura e que contribuam para a formação da criança e de seus valores, que estão inclusos em sua personalidade, pois a literatura é um dos veículos mais eficazes para que se desenvolva de maneira sistemática a linguagem oral.

Diante disso, este artigo tem como objetivo principal analisar através de referências bibliográficas a importância da literatura infantil no processo para a aquisição da linguagem e seus aspectos na formação da personalidade humana e como o educador pode utilizar a literatura em sala de aula como recurso para o desenvolvimento da oralidade da criança.

2 A LITERATURA INFANTIL: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS

A palavra literatura deriva do termo latim *litterae*, que faz referência ao conjunto de conhecimentos e competências para escrever e ler bem. O conceito segundo Grimm (2002) está relacionado com a arte da gramática, da retórica e da poética, porém a expressão literatura infantil surgiu no continente europeu em meados do século XVIII, com Charles Perrault. A partir do surgimento desse grande escritor é que a criança tornou-se o “centro das atenções”, sendo que se fez necessária à criação de livros infantis direcionados para esse novo público de leitores. Esse divisor de águas marca o fim da inexistência da infância. Levando-se

em consideração que a fase agora mais importante é à base do adulto o “ser criança” fase agora vista com bastante relevância.

Faz-se necessário ressaltar que a criança era vista como um adulto em miniatura e devido ao grande fenômeno histórico conhecido como Revolução Industrial, as crianças pertencentes ao grupo da burguesia, tinham por obrigação serem capacitadas e preparadas de pequenas para poder enfrentar o mercado de trabalho extremamente competitivo que devido à evolução do capitalismo estava em crescente e rápida expansão.

Para Coelho (2000), Perrault foi um dos principais responsáveis pela difusão da literatura infantil, um dos gênios da literatura mundial. Considerado o “Pai da literatura infantil utilizou uma linguagem acessível às crianças, encantando com os seus contos de fadas crianças e adultos daquela época” (p.12). Ele introduziu de forma crítica a maneira em que a burguesia opressora se relacionava com a classe desprivilegiada

A Gata Borralheira é o símbolo do personagem humilhado e maltratado. O Gato de Botas é o pícaro a tratar proveito da corrupção social. O Pequeno Polegar é o anão astuto que vence gigantes bobos, ou seja, seus personagens se amam com os atributos da inteligência e da perspicácia para vencer a força bruta o poderoso opressor. (COLL; TEBEROSKY, 2000, p.119-123)

Os contos de Perrault sempre traziam consigo em suas entrelinhas lições de personagens o que era certo e errado. Perrault aproveitou sua proximidade com o mundo infantil para propagar as lendas folclóricas europeias daquela época. Sendo assim conseguiu também encontrar um gancho para disseminar a cultura do seu povo através dos contos de fadas. É nesse contexto histórico, nessa modificação de olhares, que surge a escola para preservar e fazer a interação entre a criança e mundo.

Partindo para uma realidade mais próxima, o surgimento de textos para uma faixa etária específica no Brasil, aconteceu já no finalzinho do século XIX, sendo que o Brasil ainda se espelhava na literatura europeia. Alguns autores nacionais sentiram-se motivados a produzir uma literatura que se aproximasse da realidade brasileira, já que a realidade europeia diferenciava-se e muito da vivida aqui em nossa terra. Esse desenvolvimento da literatura infantil serviu de apoio para a formação de uma identidade extremamente nacional, já que aconteceu em um

período de profundas mudanças no mercado mundial, e o capitalismo estava cada vez mais se solidificando.

Um dos pontos de partida para a definição de identidade cultural literária segue de acordo com o pensamento de Stuart Hall, segundo o qual:

A definição do caráter predominante de um povo imprescindível para configurar o imaginário de identidade nacional cuja percepção pressupõe formas de afiliação social e textual e se estabelece por narrativas sociais e literárias que fornecem imagens, cenários, símbolos e histórias que representam o sentimento imaginário de uma realidade compartilhada e coexistente, que configura o alicerce da ideia de nação. (HALL, 2005 p. 45)

A literatura lida no Brasil pós-guerra, era de cunho didático-moralista, de tradicionalismo cultura e moralismo religioso conforme os preceitos cristãos. No entanto, com o surgimento do renomado gênio literário Monteiro Lobato, percussor de uma nova literatura destinada às crianças no Brasil, as crianças passam a ter espaço e mais “liberdade” para serem crianças, pois elas passam a ter voz, mesmo que as suas vozes viessem da famosa boneca de pano Emília, personagem do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, trazendo uma linguagem mais inovadora, alegre e acessível, que passa a ver então a criança como um ser em formação, refletindo sobre os problemas sociais locais, apresentando, então, características evolucionistas e uma preocupação notável com os problemas sociais vividos no Brasil.

Para Gregorin Filho (2009, p.27-30), Monteiro Lobato, dentre outros autores, era extremamente nacionalista e em suas obras ele descreve criticamente a maneira à qual os detentores do poder tratavam a classe proletária. Um forte exemplo do seu espírito nacionalista é o seu livro que se subtende de título infantil "O Poço do Visconde" que é uma mensagem subliminar a Getúlio Vargas, que ao descobrir os poços de petróleo no Brasil, criou vários obstáculos para a exploração nacional do petróleo acusando o presidente de “não perfurar e não deixar que se perfure”. Essa declaração de Monteiro Lobato repercutiu seriamente tanto que ele foi preso em 1941.

A reflexão importante é que não existe produção de texto sem intenção, em tudo há uma intenção, seja de maneira voluntária ou não. Cada autor em seu íntimo ao escrever transcreve em nas linhas de seu texto, seu signo cultural, suas ideologias, ecoando para o leitor seus valores e a sua forma de encarar a educação e a infância.

Cabe aos educadores selecionar essas obras de literatura infantil para que o alunado seja informado e formado como um ser crítico e pensante podendo intervir na sociedade em que participa.

3 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ORAL: CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA

O homem como ser racional e único detentor de um privilégio delegado somente a ele, possui a capacidade de transmitir verbalmente suas ideias, emoções, valores e culturas através da linguagem escrita, oral ou gestual para poder interagir no meio social em que está inserido. No que se refere à linguagem oral objeto de estudo deste artigo, Marcuschi (2001, p.18) descreve muito bem:

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida. A mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que decorrência de natural é a forma de uma inserção cultural e de socialização. Naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que há uma disposição biogenética, o aprendizado e uso de uma língua.

A linguagem escrita tornou-se um bem social impossível de se dispensar, é o signo da educação e alcança um valor social, muitas vezes, superior à oralidade e servindo como forma de discriminação. No entanto, a linguagem oral é adquirida e internalizada de forma natural em contextos informais, no dia a dia, na interação mãe e filho, dentre outras situações, enquanto a escrita é adquirida formalmente, através das instituições de ensino.

É necessário que se entenda que a linguagem oral e a escrita são essenciais para a sociedade, e que jamais se deve criar qualquer tipo de confusão em relação aos seus papéis e muito menos discriminar seus usuários. Devemos refletir sobre a importância da oralidade e como a literatura infantil poderá auxiliar em sua aquisição já que nós redescobrimos seres orais.

Para Piaget (1992, p.13), quando a criança nasce, ela já traz consigo uma inteligência que fica guardada e só irá se desenvolver através dos estímulos externos adquiridos pelo meio em que ela vive, sendo essa em duas etapas: (afetiva e cognitiva) ambas trabalhando juntas e de forma simultânea. Segundo o autor,

“conhecer é organizar, estruturar e explicar a realidade a partir daquilo que se vivencia nas experiências com os objetos do conhecimento”, trocando em miúdos, após seu nascimento, a criança só irá construir conhecimento através da interação com os indivíduos inseridos no meio que a circunda.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Oliveira (2002, p.148-149) clarifica mais ainda para nós educadores a importância do desenvolvimento da linguagem oral, para a vida da criança e intensifica sua relevância para o convívio social. Esclarecendo para nós educadores que para tal, a criança deve-se sentir motivada e tudo depende da interação do ambiente externo, para influenciar o desenvolvimento da linguagem oral e que a necessidade de se comunicar manifesta-se no primeiro ano de vida, ou seja, tudo que a criança vivencia fora será absorvido e internalizado. É o que a autora afirma:

O desenvolvimento da linguagem apoia-se em forte motivação para se comunicar verbalmente com outra pessoa, motivação parcialmente inata, mas enriquecida durante o primeiro ano de vida nas experiências interpessoais com a mãe, pai, irmãos e outros educadores.

Torna-se necessário ressaltar que o desenvolvimento de cada criança difere-se um do outro, pois cada indivíduo possui um ritmo próprio, levando sempre em consideração a história cultural de cada um.

A aquisição da linguagem oral é um dos fatores determinantes na escola, pois a criança só irá produzir conhecimento a partir dessa linguagem. O educador no decorrer do processo de aprendizagem se expressa a todo o momento ao transmitir o conteúdo, e o aluno interage junto com ele. Tudo isso só é permitido através do exercício da linguagem mediante o trabalho pedagógico apoiado aos livros e aos recursos didáticos.

Há três categorias que classificam a função dos livros no âmbito escolar: os didáticos, aqueles que são referência para a aprendizagem das atividades curriculares obrigatórias. Os livros de apoio didático, aqueles utilizados com base para aprofundamento dos diferentes tópicos das disciplinas isoladas, servindo para enriquecer a formação do aluno e os livros de literatura infantil, livros de pura ficção, em que neles a linguagem é genuinamente artística.

Observando os livros com esse olhar, o educador deverá utilizar os livros pertencentes à leitura literária como aliado para auxiliar o educando a desenvolver o seu lado afetivo e imaginário.

Antes de fazer uma reflexão sobre algumas possibilidades de inserção de atividades didáticas em sala de aula, precisamos repensar a maneira à qual nos direcionamos a individualidade do outro. Para Gregorin Filho (2009, p.73): “É preciso entender que a criança é um indivíduo pertencente a um grupo social, é aprendiz da cultura desse grupo a qual está inserida e por isso possui suas individualidades as quais se difere do outro”. Portanto através desse contexto o educador deve ministrar suas aulas, com instrumentos que sirvam para dar prosseguimento ao seu aprendizado. Dessa forma, ele poderá utilizar a literatura que é um fenômeno da linguagem advinda de experiências vivenciadas pelos autores, as quais interpretam a vida e as relações humanas de acordo com os elementos que a sociedade, a história e a sua cultura os impuseram, para poder aferir com realidade atual que cada indivíduo está inserido e assim poder participar na formação de novos cidadãos conscientes.

O autor ainda afirma que “valorizar as relações existentes entre literatura, história e cultura, pois cada momento histórico e cada cultura criam uma estética própria resultantes das interações que o homem vivencia em seu meio.” (p.74)

O ambiente escolar, mais especificadamente, a sala de aula é um espaço onde se pode desenvolver as primeiras relações do indivíduo com a sociedade. É um espaço responsável pelas primeiras lutas e pelas primeiras conquistas. Daí a importância que o educador deve mostrar ao selecionar suas bibliografias para a prática pedagógica, pois se ele introduzir atividades sequenciadas para que o aluno venha a exercitar e compreender que a evolução se dá em processo, ele se tornará o indivíduo capacitado e perseverante para enfrentar os desafios que virão aparecer em sua vida. O mesmo que Soriano (1975, p 62) afirma ao relacionar:

A literatura para a juventude é uma comunicação histórica (quer dizer localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou um escritor adulto (emissor) e um destinatário criança (receptor) que por definição, de algum modo, no decurso do período considerado, não dispõe senão de forma parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta.

No processo de construção da identidade cultural de um povo, a literatura ocupa um lugar destacado, pois oferece para os leitores vários universos produzidos através das relações vivenciadas a partir da história, ou seja, desde os espaços ocupados e de que maneiras esses espaços se ocuparam, até as transformações nas relações sociais e os símbolos produzidos na e por essa sociedade.

No mundo de hoje, permeado por novas tecnologias e relações virtuais, onde cada vez mais o indivíduo se distancia de uma interação palpável mais humana, dificilmente o indivíduo se comunica oralmente, a linguagem deixa de ser oral e é substituída pela linguagem digital. É importante que a criança possa conhecer as relações de afetividade com o objeto livro e não só com os objetos “computador, vídeo game e similares”. Pois é através do traquejo com a linguagem escrita, que a sua linguagem oral será enriquecida.

O educador ao dar relevância a esse fato poderá criar métodos de fazer com que a criança crie vínculos com os livros, para que ela desperte o sentimento de “amizade”, não esquecendo que a leitura também promove possibilidades de diversão que são advindas desse emocionante encontro com os livros.

Não é só de palavras que se constrói um livro. Existe um tipo de linguagem tão peculiar, direcionada para as crianças que ao ser exibida chama atenção até de nós adultos: a ilustração.

A ilustração é a linguagem não verbal, mais recorrente nas obras de literatura infantil. As imagens falam com as crianças, ilustram situações as quais, muitas vezes, as crianças se enxergam nelas, criando oportunidades delas se manifestarem oralmente sobre o que estão vendo, estimulando o uso da linguagem oral, mas também fazendo com que elas firmem o seu signo linguístico.

Nas atividades que estimulam a leitura, o educador poderá e deve iniciar o diálogo com o aluno sobre as relações das inúmeras linguagens que vem a compor a obra literária, pois a criança saberá discriminar as diferentes linguagens que foram construídas a partir do contexto histórico em que ela está inserida.

Durante a prática pedagógica propriamente dita, o professor apresentará os textos escolhidos por ele e observará que textos agradarão a maioria, é aí que ele deve intervir.

A literatura para crianças não deve somente ser vista como objeto de estudo no curso de formação de profissionais da educação. Ela deve ser oferecida desde base e vista como arte pelos profissionais da educação, proporcionando para os

pequenos a oportunidade de desenvolver a sua linguagem oral, inculcar a linguagem escrita para o alfabetizando, oferecendo a ele uma nova visão de mundo e o prazer pela arte. É o que Gregorin Filho (2009 p.29) afirma:

Pela própria historicidade do gênero, não se deve descartar a literatura para crianças e jovens como um objeto de estudo ou ensino nos cursos de formação de professores ou na área de programa de pós-graduação. Isto é, literatura para criança deve ser oferecida como arte e prazer, arte porque é o resultado de um fazer estético do(s) autor (es) e prazer porque o contato com a arte pode ser encarado desde a mais tenra idade como uma experiência ricamente prazerosa, capaz de nos envolver e trazer novas dimensões ao cotidiano.

Para alguns educadores, a literatura infantil é vista como um passatempo, sua utilização em sala de aula é exercida somente para distrair as crianças enquanto eles preparam outra atividade pedagógica. É preciso mudar essa visão, pois a literatura infantil não é um passatempo e deve ser sempre estimulada e exercida com intenção. Para tanto, o professor deve incluir em seu planejamento atividades que estimulem a leitura silenciosa e as “idas à biblioteca infantil” seja no âmbito particular, público ou escolar.

Dentro do movimento conhecido como Escola Nova ou Escolanovismo, a biblioteca assume um lugar fundamental na formação do indivíduo, pois ele é um espaço que pela sua estrutura se interliga a sala de aula, sendo que, nesse ambiente, é possível que se encontre tanto livros de cunho investigativo, quanto livros de literatura infantil.

Para uma das maiores educadoras já existentes no Brasil, Cecília Meireles, “As bibliotecas infantis correspondam a uma necessidade do nosso tempo, visto não existirem mais mães nem avós que se interessem pela doce profissão de contar histórias” (MEIRELES, 1979, p.111). O seu acervo além de apresentar um leque de informações deve oferecer edições de livros infantis que estimulem o chamado Humanismo Infantil.

O leitor ao se deparar com a biblioteca humanística que traz em seu acervo uma concepção implícita de tempo irá estabelecer uma relação de tempo entre o tradicional coletivo e a cultura, sendo assim depois da análise de uma determinada ideologia formatada em um determinado espaço de tempo, ele refletirá sobre tal leitura, construindo um pensamento crítico sobre o mesmo.

Nota-se a importância crucial de se valorizar, estimular e nunca deixar que desapareça a possibilidade de sempre ler os clássicos tradicionais infantis e fazer a relação com a contemporaneidade. É o que Corrêa (1997,p.13) afirma:

A literatura tradicional apresenta esta particularidade: sendo diversa em cada país, é a mesma no mundo todo. É que a mesma experiência humana sofre transformações regionais, sem por isso deixar de ser igual nos seus impulsos e idênticas nos seus resultados. Se cada um conhecer bem a herança tradicional do seu povo, é certo que se admirará com a semelhança que encontra, confrontando-a com a dos outros povos

É possível fazer essa relação entre o tradicional, que é uma visão universal, para desenvolver a visão humanística do indivíduo, que se diverge sempre no decorrer do tempo que sofre transformações contínuas e nunca para.

A literatura infantil atrai a criança para um novo mundo, despertando a sua curiosidade, possibilitando o desenvolvimento exato dos seus sentidos, do seu lado emotivo e principalmente de sua linguagem oral. A magia envolvida escondida nas entrelinhas dos livros de literatura infantil estimula o pequeno e atencioso leitor, a descobrir, e o aprimorar a linguagem oral, desenvolvendo a capacidade de comunicação com o mundo em volta dele, concretizando o desejo de ler o texto escrito viabilizando a transmissão do código linguístico, ou seja, o processo de alfabetização. O educador que de fato tem compromisso com a formação dos futuros leitores deverá sempre está em constante busca do aprender, para apreender conhecimento e contribuir para formação do sujeito pensante e crítico, pois conhecimento é poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início dos tempos que o homem nutriu a necessidade de se comunicar, de se relacionar, de interagir com outros seres humanos, através dos diferentes tipos de linguagem gestual ou através da linguagem verbal.

Refletindo sobre a importância crucial da utilização da literatura infantil como um dos instrumentos para o desenvolvimento da linguagem oral, este artigo pauta-se na análise de fontes bibliográficas para clarificar e informar quanto à necessidade do educador incluir em sua prática pedagógica a literatura infantil de forma lúdica e

prazerosa, pois a criança aprende melhor se aprender brincando, tendo também acesso a uma linguagem mais acessível a ela.

Desse modo, o educador pode elaborar atividades de leitura diária, como “A hora da leitura” para que o caminho entre o livro e os leitores, torne-se mais próximo.

Muitas vezes esse caminho é distanciado pelos processos constantes de escolarização desse tipo de leitura e até mesmo de literatura que sabemos estão inclusas no currículo escolar, quando estão interligadas, ou seja, associadas à obrigatoriedade dos afazeres escolares.

Na perspectiva da prática pedagógica, os intelectuais docentes, mediadores dessa relação criança e literatura infantil, deverão diversificar seus métodos, levando principalmente em consideração o profissional da educação pertencente à classe das séries iniciais, no sentido de que o livro pode ser aplicado em um leque de atividades lúdicas, artísticas, e em especial, em práticas docentes que envolvam o ler, o escrever e, em desenvolver o seu senso crítico, pois ensinar a pensar é também um dos eixos pertencentes à escola.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise dos contos de fadas**. 3. ed. Bertand. Lisboa, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLL, César. TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo personagens: conteúdos e essências para o ensino fundamental**. São Paulo: Ática, 2000.

CORRÊA, Luciana Borgerth Vial. **A escola, a criança e a literatura infantil**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ: Departamento de Letras. 1997.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil: breve percurso histórico. concepção de infância e literatura infantil. Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

GRIMM, Wilhelm. **Contos de fadas**. 4. ed. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DPCA, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1979.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIAGET, Jean. **O julgamento moral da criança**. 7.ed. Paris: PUF, 1992.

SORIANO, Marc. **Guia para a educação infantil**. 3 ed. França: Flammarion, 1975.